

22 O sistema responsivo do português europeu: padrões de resposta a interrogativas polares e a asserções

Abstract: Neste capítulo descrevem-se os padrões de resposta a interrogativas polares e asserções característicos da gramática do português europeu, considerando como traços de polaridade os que subjazem às oposições afirmação/negação e confirmação/inversão. Identificam-se as questões a explorar e mostra-se que é um domínio em que o português apresenta especificidades interessantes quando comparado com as outras línguas românicas. No campo das respostas mínimas afirmativas, dispõe de respostas verbais, respostas com *sim*, respostas com *ser* e respostas adverbiais, que se mostra terem propriedades diferentes e não estarem em variação livre entre si. No campo das respostas alargadas, usa a posição na frase dos marcadores de polaridade para dar expressão gramatical à oposição confirmação/inversão. Para exprimir a afirmação inversiva enfática, o português europeu dispõe de uma estratégia de reduplicação do verbo (em estruturas monooracionais) que o separa do português brasileiro e aproxima do galego.

Keywords: afirmação/negação, confirmação/inversão, respostas mínimas (verbais, adverbiais, com *sim*, com *ser*), posição inicial/final dos marcadores de polaridade, reduplicação enfática do verbo

1 Introdução

A sintaxe das frases interrogativas tem sido objeto de vasta investigação linguística tanto no que diz respeito a línguas particulares como numa perspetiva comparativa. Em contraste, o modo como em diferentes línguas se responde às interrogativas polares (também chamadas interrogativas totais ou interrogativas *sim-não*) tem ainda hoje um espaço limitado quer nas obras essencialmente descritivas (como as gramáticas) quer nos trabalhos de orientação mais teórica. Nas gramáticas de referência de línguas particulares produzidas nas últimas décadas não falta uma secção sobre as frases interrogativas (especialmente as interrogativas *qu-*, também chamadas interrogativas parciais) nem sobre a negação e as palavras negativas, mas não se aborda de uma forma mais abrangente o tema da *polaridade* (considerando o par *afirmação/negação*) nem, especificamente, o das *respostas polares*. O tratamento deste tópico na literatura linguística tem demonstrado, no entanto, que se reveste de grande interesse quer no plano teórico-descritivo (Pope 1976; Jones 1999; Holmberg 2001; 2003; 2007; 2013;

2015; Farkas/Bruce 2010; Costa/Martins/Pratas 2012; Authier 2013; Martins 2013; Martins, no prelo) quer no âmbito da linguística histórica e das línguas em contacto (Martins 1994a; 1994b; 2005; 2006; Veeneman 2009), quer ainda na investigação sobre aquisição da linguagem (Santos 2003; 2009). As propriedades do sistema responsivo relacionam-se de forma não trivial com outros aspetos da gramática de cada língua e a comparação entre línguas neste domínio permite adicionar novos traços linguísticos aos que têm sido escrutinados pela tipologia linguística (cf. Dryer/Haspelmath 2013) e daí avançar para interpretações teóricas produtivas.

Neste capítulo apresentaremos uma descrição do sistema responsivo do português europeu, analisando em detalhe os padrões de resposta a interrogativas polares e asserções. No quadro das línguas românicas, o português (juntamente com o galego) tem a particularidade de permitir, e preferir, respostas verbais para expressar a afirmação, uma propriedade herdada do latim,¹ mas que hoje, numa perspetiva tipológica, aproxima o português de línguas exteriores à família românica, como o finlandês (Holmberg 2001), as línguas célticas (Jones 1999; Thoms 2016), algumas línguas eslavas, asiáticas e africanas (cf. Holmberg 2015).

O tratamento deste tema implica que comecemos por considerar questões concetuais e terminológicas. O termo *interrogativas sim-não* (do inglês *yes-no questions*), consagrado na literatura linguística, sugere uma oposição binária que teria paralelo no par *respostas afirmativas/respostas negativas*. O que se conhece sobre os sistemas responsivos das línguas do mundo revela, contudo, que juntamente com a oposição afirmação/negação é necessário contar com a oposição confirmação/inversão. No trabalho pioneiro de Pope (1976), as quatro opções a considerar ao descrever-se o sistema responsivo de uma língua são identificadas como *positive agreement*, *positive*

¹ Tomem-se como exemplo os seguintes pares de pergunta-resposta retirados de textos latinos:

(i) Clodius insidias fecit Miloni? – Fecit.

‘Clodius fez uma emboscada a Milo? – Fez.’ (Cícero. Exemplo extraído de Pinkster 1990, 191).

(ii) Fuistis liber? – Fui.

‘Fostes livre? – Fui.’ (Plauto. Exemplo extraído de Hale/Buck ⁵1987, 137).

Ao mesmo tempo que mantém o padrão de respostas verbais herdado do latim, o português admite, tal como o latim e diferentemente da maioria das línguas românicas, a chamada *elipse do predicado*, que legitima o apagamento dos complementos do verbo tanto nos contextos de pergunta-resposta como em contextos de coordenação (cf. Matos 2003, 2013; Martins, no prelo). O contraste entre o português e línguas irmãs está ilustrado em (iii), usando como termos de comparação o espanhol e o catalão. As respostas só com o verbo ou sem realização dos complementos verbais não são uma opção gramatical nestas línguas.

(iii) – Deste-lhe o livro? (português) / Le diste el libro? (espanhol) / Li has donat el llibre? (catalão)

– Dei. / Sim. / Sim, dei. / Sim, dei-lho. (português)

– *Di. / Sí. / *Sí, di. / Sí, se lo di. (espanhol)

– *He donat. / Sí. / *Sí, he donat. / Sí, l’hi he donat. (catalão)

disagreement, negative agreement e negative disagreement. Em Farkas/Bruce (2010), a oposição confirmação/inversão é formalizada pelos traços [*same*] / [*reverse*] e a oposição afirmação/negação pelos traços [+] / [-], como se mostra em (1) com exemplos dos autores. O primeiro tipo de traços (designados por Farkas/Bruce *relative polarity features*) é específico das frases assertivas responsivas (*responding assertions*), enquanto o segundo tipo de traços (designados por Farkas/Bruce *absolute polarity features*) é comum a todos os tipos de frases e define só por si a polaridade das asserções não responsivas (*initiating assertions*).

- (1) a. Anne: Sam is home. / Is Sam home?
 Ben: Yes he is. [*same*, +]
 Connie: No, he isn't. [*reverse*, -]
 b. Anne: Sam is not home. / Is Sam not home?
 Ben: Yes, he is. [*reverse*, +]
 Connie: No, he isn't. [*same*, -]

Neste capítulo usaremos os termos *afirmação concordante* (equivalente a [*same*, +]), *afirmação discordante* (equivalente a [*reverse*, +]), *negação concordante* (equivalente a [*same*, -]) e *negação discordante* (equivalente a [*reverse*, -]) para identificar os quatro tipos relevantes de respostas polares e observaremos quais os padrões lexicais e sintáticos que correspondem a cada tipo.

Algumas línguas do mundo (como o inglês, por exemplo) parecem ter gramáticas mais centradas na oposição afirmação/negação, enquanto outras (como o japonês, por exemplo) parecem privilegiar a oposição confirmação/inversão, conforme se exemplifica respetivamente em (2)–(3) e (4)–(5). Como se pode ver nos exemplos, o inglês usa a mesma palavra (*yes*) para a afirmação concordante e discordante e a mesma palavra (*no*) para a negação concordante e discordante. O japonês, por seu lado, usa a mesma palavra (*hai*) para a afirmação e negação concordantes e a mesma palavra (*iie*) para a afirmação e negação discordantes.

Inglês

- (2) A: It's hot today, isn't it?
 B: a. *Yes*, it is. *afirmação concordante*
 b. *No*, it isn't. *negação discordante*
 (3) A: It isn't hot today, is it?
 B: a. *Yes*, it is. *afirmação discordante*
 b. *No*, it isn't. *negação concordante*

Japonês

- (4) A: Kyoo-wa atu-I des-u ne.
 ‘Está calor hoje, não está?’
 B: a. *Hai*, soo des-u ne. afirmação *concordante*
 ‘[confirmação], está calor hoje.’
 b. *Iie*, atuku-waarimasen negação *discordante*
 ‘[inversão], não está calor hoje.’
- (5) A: Kyoo-wa atuku-na-I des-u ne.
 ‘Não está calor hoje, pois não?’
 B: a. *Iie*, kyoo-wa atu-I des-u afirmação *discordante*
 ‘[inversão], está calor hoje.’
 b. *Hai*, soo des-u ne. negação *concordante*
 ‘[confirmação], não está calor hoje.’

A par das línguas que têm sistemas lexicalmente binários, como ilustrado acima pelo inglês (*yes-no*) e o japonês (*hai-ii*), existem outras que têm sistemas lexicalmente ternários, como exemplificado em (6)–(7) com o francês (*oui-non-si*) e em (8)–(9) com o alemão (*ja-nein-doch*). Mais raramente encontram-se também sistemas com quatro itens lexicais distintos para cada um dos quatro tipos de resposta polar.²

Francês

- (6) A: Est-ce qu’il viendra?
 ‘Ele virá?’
 B: a. *Oui*, il viendra. afirmação *concordante*
 ‘Sim, virá.’
 b. *Non*, il ne viendra pas. negação *discordante*
 ‘Não, não virá.’
- (7) A: Est-ce qu’il ne viendra pas?
 ‘Ele não virá?’
 B: a. *Si*, il viendra. afirmação *discordante*
 ‘[inversão], virá.’
 b. *Non*, il ne viendra pas. negação *concordante*
 ‘Não, não virá.’

Alemão

- (8) A: Ist er da?
 ‘Ele está aqui?’
 B: a. *Ja*, er ist da. afirmação *concordante*
 ‘Sim, ele está aqui.’
 b. *Nein*, er ist nicht da. negação *concordante*
 ‘Não, ele não está aqui.’
- (9) A: Ist er nicht da?
 ‘Ele não está aqui?’
 B: a. *Doch*, er ist da. afirmação *discordante*
 ‘[inversão], ele está aqui.’
 b. *Nein*, er ist nicht da. negação *concordante*
 ‘Não, ele não está aqui.’

² É o caso do Chaha, língua semítica falada na Etiópia. Cf. Pope (1976, 123) e Jones (1999, 307, 315).

A organização bipartida, tripartida ou quadripartida dos sistemas responsivos das línguas do mundo é, no entanto, aparente. De facto, todas as línguas têm como exprimir, no plano gramatical, os quatro valores distintos das respostas polares, embora a maior parte das línguas não possa fazê-lo numa base puramente lexical.

Neste capítulo mostraremos como esses quatro valores distintos são gramaticalmente expressos no português europeu contemporâneo. Tal como observado por Pope (1976) e por Farkas/Bruce (2010), estratégias sintáticas, e não puramente lexicais, são usadas por diferentes línguas para dar expressão às opções pragmaticamente mais marcadas, em particular a afirmação discordante.³ Exemplificando, por agora, com o inglês, a palavra *yes*, por si só, pode ser uma resposta natural à pergunta em (10), mas para muitos falantes do inglês não é uma resposta possível a (11). A diferença relevante entre os dois exemplos é que no primeiro temos um contexto de afirmação concordante e no segundo um contexto de afirmação discordante, caso em que a resposta mínima, com *yes*, não parece adequada (cf. Pope 1976, Jones 1999, Holmberg 2003).

- (10) A: Did she go to the party? / She went to the party, didn't she?
B: a. Yes. afirmação concordante
b. Yes, she did.
- (11) A: Didn't she go to the party? / She didn't go to the party, did she?
B: a. *Yes afirmação discordante
b. Yes, she did.

Um último ponto a considerar antes de nos centrarmos no português é o próprio conceito de *resposta*. O artigo de Farkas/Bruce (2010) intitula-se *On Reacting to Assertions and Polar Questions* e os autores demonstram que o mesmo quadro conceptual e formal é necessário para descrever respostas a interrogativas polares e respostas a asserções. Uma e outras são gramaticalmente afins, embora existam padrões de resposta mais neutros e outros mais marcados. Numa perspetiva semântica e pragmática, as respostas a interrogativas polares são esperadas enquanto as respostas a asserções podem não o ser e tenderão a emergir, sobretudo, em contextos de discordância e ênfase.

³ As estratégias prosódicas são igualmente relevantes mas não são o objeto deste capítulo.

Este capítulo está organizado em 3 secções, além desta introdução. A secção 2 é dedicada às respostas mínimas a interrogativas polares e considera as seguintes questões: em que casos as respostas verbais não repetem o verbo que ocorre na frase interrogativa; em que casos as respostas verbais e as respostas com *sim* estão em distribuição complementar e não em variação entre si; de que outros tipos de resposta mínima afirmativa dispõe o português (respostas adverbiais e respostas com *ser*); em que medida a oposição confirmação/inversão (em interação com a oposição afirmação/negação) é importante para caracterizar os padrões de resposta mínima afirmativa. A secção 3 ocupa-se das respostas alargadas (ou seja, as palavras *sim/não* associadas a frases assertivas) e mostra como a posição frásica inicial ou final das palavras *sim/não* funciona como uma estratégia sintática que dá expressão à oposição confirmação/inversão. A secção 4 centra-se na expressão gramatical da afirmação discordante como reação a asserções. Neste contexto, pragmaticamente marcado, a afirmação discordante tem sido designada na literatura por ‘afirmação enfática’ e exhibe no português europeu um padrão de reduplicação do verbo que não tem paralelo na generalidade das línguas românicas, à exceção do galego. As propriedades da construção de reduplicação verbal enfática descrevem-se na secção 4.2.

2 Respostas mínimas a interrogativas polares

Como resposta à pergunta «Já viste o último filme do Woody Allen?», o português tem como opções de resposta afirmativa «Vi.», «Sim.» e «Já.», a par da resposta negativa «Não». A possibilidade da resposta adverbial com «já» (e advérbios similares) depende da presença deste advérbio na frase interrogativa, a resposta verbal também parece repetir a forma verbal presente na pergunta e a resposta com «sim» parece menos condicionada pela forma da frase interrogativa. Estas primeiras impressões são em parte justificadas, em parte enganadoras. Nesta secção começaremos por mostrar que nas respostas verbais nem sempre há transposição da forma verbal finita presente na pergunta. Observaremos depois que «sim», só por si, não é capaz de exprimir afirmação discordante, em contraste com as respostas verbais, mas veremos também que em contextos particulares é necessário responder com «sim» (ainda que as respostas verbais constituam o padrão preferencial de resposta afirmativa em português). Antes de nos debruçarmos sobre as respostas adverbiais (i.e. respostas que repetem um advérbio que ocorre na frase interrogativa), consideraremos o caso das respostas com «ser». Embora

claramente marginais para muitos falantes do português europeu (diferentemente do que acontece no português brasileiro), as respostas com «ser» são interessantes por exprimirem sempre confirmação (i.e. afirmação ou negação concordantes). Isto mostra-nos que dentro de um mesmo sistema gramatical podem coexistir, produtivamente, palavras responsivas cuja relação com os binómios afirmação/negação e confirmação/inversão não é uniforme.

2.1 Quando a resposta verbal não é repetição

Em geral, as respostas verbais repetem o verbo finito que ocorre na frase interrogativa, parecendo corresponder por isso ao que alguns autores classificam por respostas-eco (Jones 1999). No entanto, a dependência das respostas verbais em relação ao seu antecedente não é tão estrita quanto o termo resposta-eco sugere já que a forma verbal na resposta pode divergir da forma verbal no antecedente em mais do que os traços de pessoa-número.

De facto, as respostas verbais apresentam um certo grau de autonomia em relação ao seu antecedente, o que permite, por exemplo, que ocorram no contexto de interrogativas truncadas: «— Para a praia? — Vamos.». Além disso, exprimindo sempre asserções afirmativas, afastam-se necessariamente da forma verbal presente no antecedente interrogativo quando esta é incompatível com a interpretação assertiva. Isso acontece quando a frase interrogativa inclui o futuro ou condicional morfológicos exprimindo modalidade epistémica (com valores de dúvida, incerteza, probabilidade). A resposta afirmativa a uma frase interrogativa com futuro/condicional epistémico implica obrigatoriamente a alteração do tempo do verbo, substituindo-se o futuro/condicional pelo presente ou pretérito.

(12) A: O João teria passado no exame?!

B: a. Passou.

b. *Teria.

(13) A: Eles (não) estarão em casa?

B: a. Estão.

b. *Estarão.

Mesmo quando o futuro morfológico não tem valor modal (###12 Semântica e Pragmática), a resposta com o presente do indicativo, em substituição do futuro, parece

mais natural, por ser mais forte o grau de assertividade que o presente do indicativo imprime à resposta afirmativa.⁴

- (14) A: Farás isso por mim?
B: a. Faço.
b. ?Farei.
- (15) A: Mentirás para o encobrir?
B: a. Minto.
b. ?Mentirei.

As frases interrogativas que incluem o advérbio modal *talvez* apresentam o verbo no conjuntivo. Uma vez que o conjuntivo precisa de legitimação sintática (não podendo ocorrer isolado), a resposta verbal a uma interrogativa com *talvez* envolve sempre a substituição do conjuntivo pelo indicativo. Em alternativa, a resposta mínima afirmativa pode construir-se repetindo o advérbio *talvez*, mas os dois padrões de resposta não são equivalentes interpretativamente, já que o valor modal de *talvez* é eliminado na resposta verbal.

- (16) A: O João talvez saia do hospital hoje?
B: a. Talvez. (Possível continuação: Se sair, telefonam-nos do hospital.)
b. Sai. (Possível continuação: Acabaram de telefonar do hospital.)

Quando o verbo auxiliar *ter*, um auxiliar modal como *poder* ou outros verbos auxiliares integram a frase interrogativa, a resposta mínima afirmativa pode construir-se repetindo a forma finita do verbo auxiliar ou alterando a forma de particípio passado ou infinitivo do verbo principal para uma forma finita. Dependendo das propriedades semânticas do verbo auxiliar e de fatores pragmáticos, os dois padrões de resposta podem ser ou não interpretativamente equivalentes, como se exemplifica em (17) a (19). O facto de o português admitir elipse do predicado (cf. nota 1) explica que nas respostas em que ocorre apenas o verbo auxiliar seja interpretativamente recuperado o verbo principal.

- (17) A: Eu não vos tinha contado isto?
B: a. Tinhas.
b. Contaste.
- (18) A: Ele tem tomado os comprimidos?
B: a. Tem.
b. Toma.

⁴ Em português, o presente morfológico pode exprimir semanticamente o futuro (###12 Semântica e Pragmática).

- (19) A: Podes emprestar-me uma caneta?
B: a. Posso. (Continuação possível, embora improvável: Mas não empresto.)
b. Empresto. (A continuação em a. é impossível.)

2.2 Respostas verbais, respostas com *sim* e respostas com *ser*

Enquanto a resposta mínima negativa a uma interrogativa polar apresenta quase invariavelmente a palavra *não* (cf. respostas com *ser* no final desta secção), várias opções existem no português para exprimir uma resposta mínima afirmativa, conforme se ilustra em (20). Nesta secção começaremos por analisar o que distingue as respostas verbais (cf. 20a) das respostas com *sim* (cf. 20b). Depois compararemos estes padrões de resposta, mais comuns, com o padrão mais marginal (por não ser produtivo para todos os falantes do português europeu) de respostas com *ser* (cf. 20c). As respostas adverbiais serão consideradas na secção 2.3 (cf. 20d).

- | | |
|----------------------------------|-----------------------|
| (20) A: Ele já terminou o curso? | |
| B: a. Terminou. | afirmação concordante |
| b. Sim. | <i>idem</i> |
| c. Foi. | <i>idem</i> |
| d. Já. | <i>idem</i> |
| e. Não. | negação discordante |

Uma primeira observação importante relativamente à distinção entre respostas verbais e respostas com *sim* é que só as primeiras expressam afirmação discordante. Os dados em (21) ilustram este contraste. O sinal # em (21b) indica que a resposta com *sim* não é apropriada (nem interpretável), por razões que esclareceremos mais adiante. Em resposta a uma interrogativa negativa, *sim* poderia apenas ser interpretado como marcador de negação concordante, mas a existência de *não* como marcador de negação parece bloquear o recurso a *sim* neste contexto.⁵ A negação discordante, tal como a negação concordante, é expressa por *não* nas respostas polares mínimas (i.e. aquelas em que a palavra que fixa o valor da polaridade ocorre isolada).

⁵ As frases interrogativas negativas que não são perguntas típicas mas uma forma cortês de fazer um pedido, oferta, convite ou comentário permitem respostas com *sim* porque antecipam uma resposta positiva. Neste contexto, as respostas com *sim* são instâncias de afirmação concordante.

(i) A: Não me podes emprestar uma caneta, por favor?

B: Sim (claro).

(ii) A: Não queres um chocolate?

B: Sim (por favor).

(21) A: Ele hoje não vai sair, pois não?

B: a. Vai.

afirmação discordante

b. #Sim.

c. Não.

negação concordante

O Quadro 1 sintetiza o funcionamento dos principais marcadores de polaridade nas respostas mínimas, indicando que as respostas verbais e as respostas com *sim* não estão em variação livre em português. Enquanto as respostas verbais traduzem, intrinsecamente, a polaridade afirmativa, seja concordante seja discordante, as respostas com *sim* expressam concordância com um antecedente preferencialmente afirmativo (com exceções pontuais). A interpretação da resposta com *sim* depende da recuperação do antecedente interrogativo, incluindo o seu valor polar. A seguir identificaremos outros contextos de pergunta-resposta que ajudam a clarificar a diferença entre respostas verbais e respostas com *sim*.⁶

	concordante / confirmação	discordante / inversão
afirmação	verbo / <i>sim</i>	verbo
negação	<i>não</i>	<i>não</i>

Quadro 1: Respostas mínimas a interrogativas polares.

Uma vez que a interpretação das respostas com *sim* depende da recuperação do antecedente como um todo, o que não acontece nas respostas verbais, os dois padrões de resposta não são interpretativamente equivalentes em contexto de interrogativa indireta. Como se exemplifica em (22), *sim* recupera necessariamente o verbo superior (e não, diretamente, a oração subordinada), o que o torna (22-B-a) uma resposta pouco natural à pergunta em (22-A). Pelo contrário, a resposta verbal tem um certo grau de autonomia relativamente ao antecedente, correspondendo a uma frase declarativa com traços de polaridade afirmativa especificados. A sua interpretação só depende do antecedente relativamente aos complementos verbais não realizados (por elipse do predicado). No exemplo (22), a resposta verbal é a resposta natural à interrogativa indireta.⁷

⁶ Em línguas que não dispõem de respostas verbais, como o espanhol e o catalão, os correlatos do português *sim* podem exprimir tanto afirmação concordante como discordante:

(i) A: ¿(No) va a ir al cine hoy Juan? (Espanhol) / Avui (no) anirà al cine en Joan? (Catalão)
‘O João (não) vai hoje ao cinema?’

B: Sí. (= Sí, Juan va a ir al cine hoy) (Espanhol) / Sí. (= Sí, en Joan anirà al cine avui) (Catalão)
‘Sim, vai.’ / ‘Vai sim.’

⁷ No espanhol e no catalão a resposta com *sí* constitui uma resposta adequada a uma interrogativa indireta:

(i) A: ¿Sabes si Juan fue a la fiesta? (espanhol) / ¿Saps si en Joan va.anar al cine? (catalão)
‘Sabes se o João foi à festa?’

- (22) A: Sabes se o João foi à festa?
B: a. # Sim. (= ‘Sim, sei.’)
b. Foi. (= ‘Sim, foi.’)

O facto de as respostas com *sim* recuperarem necessariamente o antecedente na sua totalidade, também explica os dados em (23) e (24). Quando na frase interrogativa ocorre um auxiliar modal seguido de infinitivo, a resposta verbal pode incluir ou excluir o predicado modal, mas a resposta com *sim* inclui-o obrigatoriamente, no plano interpretativo. Daí decorre que a resposta verbal com o verbo modal é equivalente à resposta com *sim*, enquanto a resposta verbal com o verbo principal difere na sua interpretação da resposta com *sim*.

- (23) A: Podes emprestar-me uma caneta?
B: a. Posso. / Sim. (Continuação possível, embora improvável: Mas não empresto)
b. Empresto. (A continuação em a. é impossível)
- (24) A: Podes emprestar-me dinheiro?
B: a. Empresto, embora não possa.
b. #Sim, embora não possa.

Do mesmo modo, se o antecedente interrogativo incluir o advérbio *talvez*, a resposta com *sim* é equivalente à resposta adverbial com *talvez* e não à resposta verbal (cf., acima, o exemplo (16)).

Por outro lado, o carácter intrinsecamente afirmativo das respostas verbais faz com que sejam incompatíveis com a presença no antecedente interrogativo de elementos que introduzam uma implicatura negativa (como os advérbios *só*, *quase*, *mal*, este último com a interpretação de ‘quase não’).⁸ Pelo contrário, as respostas com *sim* são adequadas neste contexto porque a palavra *sim* recupera o contributo semântico do advérbio e exprime concordância com o valor negativo da implicatura. Se o advérbio puder constituir uma resposta adverbial (casos de *só* e *quase*, mas não de *mal*), a resposta com *sim* e a resposta adverbial são equivalentes e igualmente naturais, enquanto as respostas verbais são excluídas.

B: a. Sí.(= Sí, lo sé. / Sí, Juan fue a la fiesta.) (espanhol)
(= ‘Sim, sei.’ / ‘Sim, o João foi à festa’)
b. Sí.(= Sí, ho sé. / Sí, en Joan va.anar al cine.) (catalão)
(= ‘Sim, sei.’ / ‘Sim, o João foi ao cinema.’)

⁸ Para uma abordagem diferente destes factos, veja-se Santos (2002; 2003; 2009).

- (25) A: Ele *mal* tocou na comida?
B: a. Sim.
b. *Tocou.

- (26) A: Ele *só* dorme?!
B: a. Sim.
b. Só.
c. *Dorme.

Tomemos como exemplo o advérbio *só*. A resposta a uma interrogativa polar que inclua *só* decompõe-se, interpretativamente, em duas partes: a confirmação de uma pressuposição positiva e a confirmação de uma implicatura negativa (cf. Horn 1969; von Stechow 2007). O primeiro componente é uma instância de afirmação concordante, enquanto o segundo é uma instância de negação concordante. A palavra *sim* pode expressar ambos os valores polares (tratando-se de uma palavra essencialmente concordante), mas o verbo *só* pode expressar a afirmação concordante, sendo por isso excluído dos contextos em que uma resposta semântica e pragmaticamente adequada exige que se expressem simultaneamente afirmação e negação concordantes. O exemplo (27) clarifica os dois componentes da resposta a uma interrogativa polar que transporte uma implicatura negativa.

- | | |
|---------------------------------------|-----------------------------------|
| (27) A: Ele <i>só</i> comeu a sopa? | (pressuposição: ele comeu a sopa) |
| B: <i>Sim</i> : | |
| (i) Sim, ele comeu a sopa. | afirmação concordante |
| (ii) Sim, ele não comeu senão a sopa. | negação concordante |

Há um contraste muito claro entre o marcador de foco exclusivo *só* e os marcadores de foco inclusivo *até* e *também* relativamente ao assunto em discussão. A total naturalidade de respostas verbais a interrogativas polares com *até* e *também* a preceder o verbo, em contraste com *só* e advérbios similares, mostra que não é a posição estrutural do advérbio *só* por si (i.e. ser externo ou interno ao sintagma verbal) que importa.⁹ Mais determinantes são as suas propriedades polares, especificamente se o advérbio introduz ou não uma implicatura negativa. Nas respostas em (28) e (29), embora os advérbios *até* e *também* não sejam sintaticamente recuperados através dos processos gramaticais

⁹ Quando o advérbio *só* é interno ao sintagma verbal, pode ser sintaticamente recuperado numa resposta verbal, juntamente com os complementos do verbo (cf. nota 1).

(i) A: Ele comeu *só* as batatas?
B: a. Comeu.
b. Sim.

associados à elipse do predicado, a sua interpretação pode ser pragmaticamente recuperada, o que não acontece com o advérbio *só* no exemplo (30).

- (28) A: Ele *até/também* ressona?
B: a. Ressona.
b. Sim.
- (29) A: *Até/também* ele sabe a verdade?
B: a. Sabe.
b. Sim.
- (30) A: *Só* ele sabe a verdade?
B: a. *Sabe.
b. Sim.

Algumas frases complexas interrogativas possibilitam facilmente uma interpretação de foco contrastivo associada à oração subordinada, como se exemplifica em (31). Com a interpretação relevante, o foco contrastivo introduz uma implicatura negativa e uma resposta verbal mostra-se de novo inadequada. Este facto é uma consequência lógica das observações anteriores e suporta a generalização de que as respostas mínimas verbais são estritamente afirmativas e incapazes de expressar qualquer forma de negação.

- (31) A: Ele está preso porque contou tudo?
(interpretação relevante: ‘É porque contou tudo que ele está preso?’)
B: a. #Está.¹⁰
b. #Contou.
c. Sim.
(i) Sim, ele está preso. (confirmação da pressuposição) afirmação concordante
(ii) Sim, não está preso senão porque contou tudo. negação concordante

Em conclusão, os traços de polaridade das respostas verbais são necessariamente especificados com o valor [afirmação]. Por isso este tipo de resposta não permite a recuperação de implicaturas negativas com escopo sobre o predicado verbal, sejam elas

¹⁰ A resposta com o verbo da oração principal seria adequada se o facto de ele estar preso fosse desconhecido, i.e. não pressuposto. Excetuando o caso das interrogativas indiretas, as respostas verbais a frases complexas normalmente retomam o verbo superior:

- (i) A: Ele estava preso quando contou tudo?
B: a. Estava.
b. *Contou.
- (ii) A: Ela disse que ele contou tudo?
B: a. Disse.
b. #Contou. (Só possível se corresponder à intenção de dar proeminência informacional ao facto de ele ter contado tudo.)

introduzidas por advérbios como o marcador de foco exclusivo *só* sejam introduzidas por outros mecanismos estruturais associados à expressão de foco contrastivo.

Um último caso a considerar para descrever as diferenças entre respostas verbais e respostas com *sim* é o das estruturas de coordenação. As interrogativas polares que integram uma sequência de orações coordenadas admitem uma resposta com *sim* mas não com o verbo. Uma vez que a interpretação de *sim* depende do antecedente no seu todo, a estrutura coordenada é integralmente recuperada pela resposta com *sim*. Nas respostas verbais, pelo contrário, normalmente recupera-se do antecedente apenas a parte da estrutura que corresponde ao complemento do verbo retomado na resposta. Deste modo, em (32), *sim* responde globalmente às duas componentes oracionais da pergunta, o que a resposta verbal não permite. A resposta (b) será possível apenas se a informação associada ao primeiro membro da estrutura coordenada for considerada parte do conhecimento partilhado.

- (32) A: A Joana arranjou emprego e comprou uma casa?
 B: a. *Arranjou.
 b. #Comprou.
 c. Sim.

O quadro 2 sintetiza as principais diferenças entre as respostas verbais e as respostas com *sim*, ao mesmo tempo que mostra em que contextos os dois padrões de resposta estão em variação livre (descontadas questões de preferência ou de grau de adequação pragmática em situações que não são objeto de discussão neste capítulo). Lembre-se que embora as respostas com *sim* não possam expressar negação concordante em contexto de interrogativas negativas, revelam contudo compatibilidade com a negação quando o antecedente interrogativo é uma frase afirmativa mas contém um elemento que associa a uma pressuposição positiva uma implicatura negativa.

	verbo	<i>sim</i>
expressa afirmação concordante	+	+
expressa afirmação discordante	+	-
expressa negação concordante em respostas a perguntas que introduzem implicaturas negativas (com escopo sobre o predicado verbal)	-	+
responde adequadamente a interrogativas indiretas	+	-
responde adequadamente a interrogativas polares que incluem uma sequência de orações ligadas por coordenação	-	+

Quadro 2: Respostas mínimas afirmativas a interrogativas polares: verbo vs. *sim*.

Em conclusão: as respostas mínimas com *sim* estão associadas a traços de polaridade absoluta (afirmação/negação) não especificados e extraem a sua interpretação do antecedente como um todo; as respostas mínimas verbais têm uma certa autonomia em relação ao antecedente, estão independentemente associadas a um traço de polaridade afirmativa e têm a força assertiva típica das frases declarativas.

Além das respostas verbais e das respostas com *sim*, o português admite um padrão de resposta mínima que usa formas da terceira pessoa do singular do verbo *ser*. Este padrão oscila entre recorrer invariavelmente à forma de terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*é*) ou exibir distinções de tempo e aspeto entre presente do indicativo, pretérito perfeito e pretérito imperfeito, sempre na terceira pessoa do singular (*é/foi/era*).

(33) A: Eles encontraram as chaves?

- B: a. Encontraram.
b. Sim.
c. Foi.
d. É.
e. *Foram.

(34) A: Ela tinha uma avó belga?

- B: a. Era.
b. É.

As respostas com *ser* não são usadas, ou sentidas como naturais, por todos os falantes do português europeu. Para alguns falantes, as respostas com *ser* a interrogativas polares vão de pouco naturais (quando permitem flexão de tempo e aspeto) a agramaticais (quando envolvem a forma invariável *é*). Para os mesmos falantes, no entanto, as confirmações de um antecedente assertivo usando uma forma do verbo *ser* são naturais, quer a forma verbal ocorra sozinha quer ocorra associada à palavra confirmativa *pois*. Isto sugere que as confirmações com a palavra *pois* associada à cópula *ser* podem ser a origem diacrónica das respostas com *ser* a interrogativas polares e asserções.¹¹

¹¹ A natureza confirmativa das respostas com *ser* explica que não possam ocorrer como reação a interrogativas que são atos de fala indiretos, correspondendo a uma forma cortês de fazer um pedido, oferta, convite ou comentário.

(i) A: Podes vir aqui?
B: a. Posso./Vou.
b. Sim.
c. *É.

- (35) A: Eles já encontraram as chaves.
B: (Pois) foi.

Diferentemente das respostas verbais e mais generalizadamente do que as respostas com *sim*, as respostas com *ser* expressam concordância com o antecedente. Ou seja, não são especificadas para nenhum dos valores dos traços de polaridade absoluta (afirmação/negação), mas são especificadas para o valor confirmativo dos traços de polaridade relativa (confirmação/inversão). Podem portanto exprimir, sem restrições, negação concordante, quer em relação a uma interrogativa negativa (cf. 36) quer em relação a uma interrogativa positiva que introduza uma implicatura negativa (cf. 37). Exprimem também afirmação concordante, mas em contraste com as respostas verbais são incompatíveis com a expressão da afirmação discordante.

- (36) A: Ele não vem?
B: a. Vem. afirmação discordante
b. É. (= 'Ele não vem.') negação concordante
- (37) A: Ele só viaja amanhã?
B: a. É. (= 'Ele só vem mais tarde.')

Além disso, as respostas com *ser* divergem das respostas verbais pela impossibilidade de ocorrerem quando o antecedente é uma interrogativa indireta. Neste contexto as respostas com *ser* distinguem-se também das respostas com *sim*, pois enquanto estas são apenas pragmaticamente inadequadas as respostas com *ser* são claramente agramaticais.

- (38) A: Sabem se ele telefonou ao pai?
B: a. Telefonou.
b. #Sim. (= 'Sabemos.')

Por fim, as respostas com *ser* comportam-se como as respostas com *sim* quando a interrogativa polar que as legitima corresponde a uma estrutura de coordenação oracional.

-
- (ii) A: Vai um cafezinho?
B: a. Vai.
b. Sim.
c. *É.

- (39) A: A Joana arranjou emprego e comprou uma casa?
 B: a. Foi.
 b. É.
 c. Sim.
 d. *Arranjou.
 e. #Comprou.

As diferentes propriedades das respostas verbais, respostas com *sim* e respostas com *ser*, como resposta mínima a interrogativas polares, estão sintetizadas no Quadro 3.¹²

	verbo	<i>sim</i>	<i>ser</i>
Expressa afirmação concordante	+	+	+
Expressa afirmação discordante	+	-	-
Expressa negação concordante	-	+/-	+
Responde adequadamente a interrogativas indiretas	+	-	-
Responde ao predicado superior que introduz uma interrogativa indireta	+	+	-
Responde adequadamente a interrogativas polares que incluem uma sequência de orações ligadas por coordenação	-	+	+

Quadro 3: Respostas mínimas a interrogativas polares: verbo vs. *sim* vs. *ser*-3SG.

2.3 Respostas adverbiais

As respostas adverbiais características do sistema responsivo do português (as quais diferem das respostas com advérbios evidenciais como *claro*, *evidentemente*, comuns a todas as línguas) caracterizam-se, tipicamente, pela repetição na resposta de um advérbio presente na interrogativa polar. Pertencem a este grupo os advérbios *também*, *só*, *já*, *ainda*, *sempre*, *quase*, *talvez*. Os três últimos, e apenas estes, podem constituir uma resposta polar sem que ocorram no antecedente interrogativo. Por outro lado, *já* e *ainda* permutam entre si quando expressam discordância, como mostraremos mais adiante.

- (40) A: Tu também queres morangos?
 B: Também.
- (41) A: O Pedro pediu morangos. E tu, queres morangos?
 B: *Também.

¹² No português brasileiro as respostas com *ser* adquiriram um papel mais central do que no português europeu como resultado do declínio do uso das respostas mínimas com *sim* (cf. Kato/Tarallo 1992; Oliveira 1996). De facto, no português brasileiro coloquial as respostas com *ser* substituíram as respostas com *sim* nos contextos em que as respostas verbais não são uma opção gramatical. Mas as duas variedades do português são idênticas na preferência geral pelas respostas mínimas verbais.

- (42) A: Ele só gosta de morangos?
B: Só.
- (43) A: Ele gosta de morangos?
B: *Só.
- (44) A: Ele tem o perfil certo? / Ele tem quase o perfil certo?
B: Quase.
- (45) A: Lês poesia? / Lês sempre poesia?
B: Sempre.

O comportamento do conjunto de advérbios responsivos que estamos a considerar revela alguma variação mas também um espectro largo de similitude. Uma propriedade comum a todos estes advérbios é a possibilidade de exprimirem confirmação, quer sob a forma de afirmação concordante quer de negação concordante. Em geral associam-se a *não* (ou outro marcador de negação) quando traduzem negação discordante, mas os advérbios *talvez*, *quase* e *só* são capazes de exprimir este valor isoladamente, dispensando o marcador de negação. Lembre-se que estes são os advérbios que introduzem implicaturas negativas, como discutimos na secção 2.2 (cf. Horn 1969; von Stechow 2007).

- | | |
|---|-----------------------|
| (46) A: A Rita também vem jantar?
B: Também. | afirmação concordante |
| (47) A: Tu também não queres que ele seja eleito?
B: Também não. | negação concordante |
| (48) A: As roseiras já foram podadas?
B: Já. | afirmação concordante |
| (49) A: Ele já não vai viajar?
B: Já não. | negação concordante |
| (50) A: Só esse médico poderá operar o golfinho?
B: Só. | afirmação concordante |
| (51) A: A tua filha só não gosta de bacalhau?
B: Só. | negação concordante |
| (52) A: Ele quase morreu?
B: Quase. | afirmação concordante |
| (53) A: Ele quase não morreu?
B: Quase. | negação concordante |

Em associação com o marcador de negação, a maior parte dos advérbios relevantes podem também exprimir negação discordante (*ainda, já, talvez, sempre, só*), enquanto alguns expressam apenas confirmação, ocorrendo exclusivamente nos contextos polares associados à afirmação e negação concordantes (*também, quase*). *Já* e *ainda* alternam entre si para exprimir negação discordante.

- (54) A: Só ele disse a verdade?
B: Não só. negação discordante
- (55) A: Ele sempre usou chapéu?
B: Nem sempre. negação discordante
- (56) A: Ele já chegou a casa?
B: Ainda não. negação discordante
- (57) A: Tu ainda vais a casa?
B: Já não. negação discordante

Uma importante generalização relativa aos advérbios responsivos é que, em geral, não podem exprimir afirmação discordante. Neste aspeto assemelham-se às respostas com *sim* e diferem das respostas verbais, como se ilustra em (58). Assemelham-se também às respostas com *sim* noutros aspetos, como se mostra em (59) e (60), correspondendo o primeiro exemplo a um caso de coordenação oracional no antecedente interrogativo e o segundo à presença na interrogativa polar do advérbio *quase*, que introduz uma implicatura negativa (cf. acima o Quadro 2). A exceção a este padrão caracterizador dos advérbios responsivos é o advérbio *já*, que pode exprimir afirmação discordante quando no antecedente interrogativo ocorre o advérbio *ainda*, como se vê em (61).¹³

- (58) A: Não compras sempre produtos biológicos, pois não?
B: a. Compro. afirmação discordante
b. *Sempre.
c. *Sim.
- (59) A: Ele já lavou os dentes e foi-se deitar?
B: a. Já.
b. Sim.
c. *Lavou.
- (60) A: Ele quase morreu envenenado?
B: a. Quase.

¹³ O advérbio *já* é também o único que pode exprimir afirmação discordante através de um padrão de reduplicação (cf. secção 3) e ocorrer em interrogativas-*tag* («– Já viste este filme, não já? – Já vi, já.»). Nos dois casos alterna com o verbo («– Já viste este filme, não viste? – Vi, vi.»).

- b. Sim.
- c. *Morreu.

(61) A: Tu ainda não foste a casa?

- B: a. Já.
b. Fui.
c. *Sim.

afirmação discordante

3 Respostas polares alargadas

Nas respostas alargadas a interrogativas polares, as palavras *sim/não* ocorrem na periferia (inicial ou final) de uma frase com elipse dos complementos do verbo.

(62) A: O João recebeu os livros que encomendou?

- B: a. Sim, recebeu.
b. Não, não recebeu.

Dois factos novos e interessantes podem observar-se quando se consideram os padrões de resposta polar alargada (comparativamente às respostas mínimas). Por um lado, comprova-se que a palavra *sim* é essencialmente confirmativa, pois em respostas alargadas pode associar-se a uma frase negativa para exprimir negação concordante, como se mostra em (63-B-a), embora a alternativa em (63-B-b), com *não* periférico inicial, em lugar de *sim*, seja a opção não marcada.

(63) A: O João não vai sair hoje?

- B: a. Sim, não vai.
b. Não, não vai.

Por outro lado, as respostas alargadas mostram-nos que a posição (inicial/final) dos marcadores de polaridade na frase desempenha um papel muito relevante no sistema responsivo do português. Assim, enquanto a posição inicial das palavras *sim/não* é típica das respostas pragmaticamente mais neutras (ou seja, as que não contradizem expectativas do interlocutor), a posição final é típica das respostas pragmaticamente mais marcadas, na medida em que contradizem uma asserção prévia expressa por uma frase declarativa (que pode ser parte de uma interrogativa-*tag*). Como se vê comparando as respostas a (64-A) com as respostas a (65-A), a oposição entre posição inicial e posição final de *sim/não* periféricos marca a dicotomia entre confirmação e inversão. Esta marcação é claramente preferencial para traduzir a distinção entre afirmação concordante e afirmação discordante e opcional no que diz respeito à distinção entre negação concordante e negação discordante. A probabilidade de as palavras *sim/não*

ocorrerem no final da frase será tanto maior quanto mais o falante quiser enfatizar a discordância em relação à asserção ou expectativa do interlocutor.

- (64) A: O João hoje janta em casa. / O João hoje janta em casa, não janta?
B: a. Sim, janta. afirmação concordante
b. Não janta, não. negação discordante
c. Não, não janta. *idem*
- (65) A: O João hoje não janta em casa. / O João hoje não janta em casa, pois não?
B: a. Janta sim. afirmação discordante
b. Não, não janta. negação concordante

No que diz respeito à palavra *sim*, os dois factos acima descritos poderão parecer contraditórios. Se *sim* é uma palavra essencialmente confirmativa (cf. 63-B-a), como se explica que possa contribuir para a expressão da afirmação discordante (cf. 65-B-a)? A contradição é apenas aparente. Como mostrámos na secção 2, a interpretação da palavra *sim* é fixada pelo seu antecedente. Quando *sim* ocorre em posição inicial, como em (63-B-a), o antecedente é a interrogativa polar ou a asserção a que responde; já quando aparece em posição final, o antecedente é a frase declarativa que ocorre à sua esquerda. Neste caso, *sim* reforça o valor assertivo da resposta.

O português dispõe de outras estratégias para exprimir a afirmação discordante. Além da colocação de *sim* em posição final, como em (66-B-a), são também comuns na língua falada a reduplicação do verbo, como em (66-B-b), e a colocação da palavra confirmativa *pois* em posição final, como em (66-B-c).¹⁴ A colocação do elemento de reforço da asserção afirmativa no final da frase é pois comum às três estratégias. Prosodicamente, todas são marcadas por uma entoação ascendente, tanto mais acentuada quanto maior o grau de ênfase atribuído à resposta discordante.

- (66) A: O João hoje não vai trabalhar, pois não? / O João hoje não vai trabalhar.
B: a. Vai (trabalhar) sim.
b. Vai (trabalhar) vai.
c. Vai (trabalhar) pois.

¹⁴ Ao contrário de *sim*, a palavra *pois* não pode ocorrer isolada em resposta a interrogativas polares. Associada ao verbo, confirma asserções afirmativas; associada ao marcador de negação predicativa, confirma asserções negativas.

(i) A: O João comprou um carro?

B: *Pois.

(ii) A: O João comprou um carro.

B: Pois comprou.

(iii) A: O João não comprou um carro.

B: Pois não.

Quando consideramos os padrões de respostas polares alargadas, obtemos um quadro mais rico relativamente ao modo como o sistema responsivo do português expressa os diferentes valores de polaridade definidos, conjuntamente, pelas oposições afirmação/negação e confirmação/inversão. Torna-se então claro que a distinção concetual quadripartida corresponde uma codificação gramatical também quadripartida, como mostra o Quadro 4.¹⁵

	concordante / confirmação	discordante / inversão
afirmação	<i>sim</i> verbo	verbo <i>sim</i> verbo verbo verbo <i>pois</i>
negação	<i>não não</i> verbo <i>sim não</i> verbo (opção marcada)	<i>não</i> verbo <i>não</i> <i>não não</i> verbo (opção não enfática)

Quadro 4: Respostas alargadas a interrogativas polares.

Na secção 2.3, dedicada às respostas mínimas adverbiais, vimos que só o advérbio *já* pode exprimir afirmação discordante em resposta a uma interrogativa polar. Outra particularidade deste advérbio é admitir um padrão de reduplicação nas respostas alargadas, também como forma de exprimir (e enfatizar) a afirmação discordante. Na verdade, a presença de *já* numa resposta polar bloqueia a possibilidade de reduplicação do verbo, ocorrendo, em alternativa, a reduplicação do advérbio na mesma posição em que ocorreria o verbo.

- (67) A: O João ainda não saiu, pois não?
B: a. Saiu, saiu.
b. *Já saiu, saiu.
c. Já saiu, já.

4 Afirmação enfática (afirmação discordante como reação a asserções)

Nesta secção final começaremos por mostrar, de forma abreviada, que estratégias o português europeu não partilha com outras línguas românicas para exprimir, com ênfase, a afirmação discordante. Depois centrar-nos-emos numa dessas estratégias, a reduplicação do verbo, para descrevermos as suas propriedades. Para as questões que

¹⁵ O português europeu dispõe de outras formas de exprimir a negação enfática que não são descritas neste capítulo (cf. Hagemeijer/Santos 2004; Pinto 2010; Martins 2013). Também as especificidades da gramática do português europeu relativamente à expressão da negação metalinguística não são aqui abordadas (cf. Martins 2010; 2014; Pereira 2010; Pinto 2010).

são deixadas fora do âmbito deste capítulo, vejam-se as referências bibliográficas na nota 15.

4.1 O português europeu, o português brasileiro e outras línguas românicas

O português brasileiro só dispõe de uma das estratégias identificadas no Quadro 4 (cf. secção 3) para expressar a afirmação discordante, a estratégia que recorre à colocação da palavra *sim* no final da frase (e atribui à frase uma entoação particular). A palavra confirmativa *pois* sobrevive no português brasileiro apenas em expressões fixas e não tem correlatos nas outras línguas românicas.¹⁶ A reduplicação verbal, com as propriedades de estrutura monooracional que descreveremos na secção 4.2, é uma especificidade que o português europeu partilha apenas com o galego. Por outro lado, a maioria das línguas românicas dispõe de uma estratégia sintática para expressar a afirmação discordante (enfática) que consiste em colocar o marcador de polaridade afirmativa *sí* antes do verbo, opcionalmente seguido do complementador *que*, como se mostra em (68) e (69) com exemplos, respetivamente, do espanhol e do catalão. O português desconhece esta estratégia (sendo neste aspeto idênticas as variedades europeia e brasileira), enquanto o galego a permite a par das estratégias que partilha com o português, como se exemplifica em (70).

(68) A: Juan no se compró el coche.

‘J. não comprou o carro.’

B: Juan sí (que) se compró el coche.

‘Comprou o carro {sim/comprou}.’

(69) A: En Joan no sopa aquí els dijous.

‘O J. não janta aqui à quinta-feira.’

B: Sí que sopa aquí.

‘Janta aqui {sim/janta}.’

(70) A: Aníbal non sabe destes assuntos.

B: a. Aníbal sabe destes assuntos sabe.

b. Aníbal si que sabe destes assuntos.

c. Aníbal sabe destes assuntos si.

¹⁶ No português brasileiro não existe a palavra *pois* como forma isolada. *Pois* sobrevive apenas em duas expressões gramaticalizadas: *pois não?*, com o significado de ‘posso ajudá-lo?’, e *pois é* (com a cópula invariavelmente na terceira pessoa do presente do indicativo), guardando neste caso o valor confirmativo que também tem no português europeu:

(i) [A] Isto vai acabar mal.

[B] Pois é.

O Quadro 5 mostra as semelhanças e diferenças entre português europeu, português brasileiro, galego, espanhol, catalão e italiano no que diz respeito às estratégias usadas para expressar a afirmação enfática (i.e., a afirmação discordante como reação a asserções), considerando três tipos de estruturas sintáticas: com reduplicação do verbo (cf. 70-B-a), com *sí que* (cf. 70-B-b) e com *sim/si* final (cf. 70-B-c). Para uma descrição detalhada dos dados relevantes, cf. Martins (2013).

	Português brasileiro	Português europeu	Galego	Espanhol	Catalão	Italiano
Reduplicação do verbo	*	√	√	*	*	*
<i>sí que</i>	*	*	√	√	√	√
<i>sim/sí final</i>	√	√	√	√	√	√

Quadro 5: A expressão da afirmação enfática em seis variedades/línguas românicas.

4.2 Propriedades da construção de reduplicação verbal enfática

Em geral, as línguas permitem recorrer à repetição, incluindo a repetição de frases (elíticas ou não), como recurso discursivo cujo objetivo pode ser enfatizar. Nas próximas secções mostraremos que a reduplicação verbal enfática do português europeu não é um caso de simples repetição. Antes corresponde a uma estrutura monooracional com propriedades prosódicas, sintáticas e morfológicas próprias.

4.2.1 Padrão prosódico (ausência de pausa; entoação ascendente)

Enquanto a repetição frásica envolve normalmente uma pausa prosódica a separar as duas frases (que sendo declarativas terão entoação descendente), nas estruturas de reduplicação verbal enfática não existe pausa (sendo a vírgula, na escrita, uma mera convenção ortográfica) e as frases têm globalmente uma entoação ascendente. A impossibilidade de produzir a estrutura de reduplicação com uma pausa antes da segunda instância do verbo pode demonstrar-se observando a forma como se realiza o /s/ coda. No português europeu, uma regra fonológica sem exceções determina que a sibilante surda em coda se realize como palatal surda [ʃ] antes de pausa mas como dental sonora [z] antes de vogal. O exemplo (71-B-a) mostra-nos que quando há repetição frásica a realização da sibilante em coda é [ʃ] ainda que preceda imediatamente a segunda instância de uma forma verbal iniciada por vogal. Pelo contrário, quando há reduplicação verbal enfática e a forma verbal se inicia por vogal, a realização de /s/ em coda é obrigatoriamente [z] no contexto relevante, como mostram

os exemplos (71-B-b/c), o que prova que não pode haver uma pausa a separar as duas instâncias do verbo. Outra importante diferença prosódica a assinalar é que a entoação de cada uma das unidades frásicas de (71-B-a) é descendente, enquanto a entoação de (72-B-b) é globalmente ascendente. Com a mesma entoação ascendente, (71-B-c) é agramatical.

- (71) A: Eu não abraço o diretor.
B: a. Abraça[↓]. Abraça[↓] sim.
b. Abraça[z] abraça[↓].
c. *Abraça[↓] abraça[↓].

4.2.2 Incompatibilidade com advérbios evidenciais

As frases com reduplicação verbal enfática não podem incluir advérbios evidenciais como *realmente*, *certamente*, *efetivamente*, *obviamente* ou a expressão adverbial *de facto* (cf. 72-B-a). Pelo contrário, a repetição frásica reiterativa é totalmente compatível com a presença de advérbios evidenciais (cf. 72-B-b).

- (72) A: O teu filho não gosta de ler.
B: a. *O meu filho de facto gosta de ler, gosta. (entoação ascendente)
b. O meu filho (de facto) gosta de ler. (De facto) gosta.

4.2.3 Reduplicação limitada ao verbo finito

É possível repetir uma sequência frásica constituída por um verbo finito seguido de infinitivo ou particípio passado, como se exemplifica em (73) e (74). No entanto, na reduplicação verbal enfática só o verbo finito pode ser repetido, como se mostra em (75) e (76), quer se trate de um verbo auxiliar ou não. Ou seja, nas estruturas de reduplicação nenhum elemento além do verbo temporalmente finito pode reaparecer no final da frase, como se confirmará nas secções seguintes. As frases em (75-B) e (76-B) devem ser lidas com a entoação globalmente ascendente característica da reduplicação verbal enfática. É com essa entoação que as frases (B-b) são agramaticais.

- (73) A: Eu não fui consultada.
B: Tu foste consultada. Foste consultada. Não digas que não.
- (74) A: O João não vai conseguir.
B: Tem calma. O João vai conseguir. Vai conseguir.
- (75) A: Eu não fui consultada.
B: a. Tu foste consultada, foste.
b. *Tu foste consultada, foste consultada.

c. *Tu foste consultada, consultada.

(76) A: O João não vai conseguir.

B: a. O João vai conseguir, vai.

b. *O João vai conseguir, vai conseguir.

c. *O João vai conseguir, conseguir.

4.2.4 Incompatibilidade com a negação

A reduplicação verbal enfática exprime exclusivamente afirmação, sendo incompatível com a negação predicativa. Uma frase negativa com duplicação do verbo é ininterpretável e agramatical (cf. 77-B-a). Uma frase negativa com duplicação da sequência *não-verbo* é igualmente agramatical (ainda que interpretável), desde que produzida com a característica entoação ascendente (cf. 77-B-b). A repetição frásica de negação e verbo não é problemática, como se vê em (77-B-c).

(77) A: O teu partido ganhou as eleições.

B: a. *O meu partido não ganhou as eleições, ganhou.

b. *O meu partido não ganhou as eleições, não ganhou.

c. O meu partido não ganhou as eleições. Não ganhou. Infelizmente.

4.2.5 Exclusão de pronomes clíticos

Um pronome clítico pode ocorrer nas respostas a interrogativas polares, como em (78-B-b) ainda que seja mais natural a elipse do predicado, que permite a ausência dos complementos verbais, como em (78-B-a).

(78) A: Devolveste-me o livro que te emprestei?

B: a. Devolvi.

b. Devolvi-to.

Mas um pronome clítico não pode ser duplicado juntamente com o verbo nas frases com reduplicação enfática, como mostra o contraste de gramaticalidade entre (79-B-a/b) e (79-B-c/d/e). A repetição frásica não apresenta este tipo de restrição, como se exemplifica em (80).

(79) A: Não me devolveste o livro que eu te emprestei, pois não?

B: a. Devolvi-te o livro que me emprestaste, devolvi.

b. Devolvi, devolvi.

c. *Devolvi-te o livro que me emprestaste, devolvi-te.

d. *Devolvi-te, devolvi-te.

e. *Devolvi-to, devolvi-to.

- (80) A: Não me devolveste o livro que eu te emprestei, pois não?
B: Devolvi-to. Devolvi-to sim. Tenho a certeza.

4.2.6 As formas morfológicamente complexas resistem à reduplicação

As formas verbais morfológicamente complexas tornam a reduplicação enfática marginal. A resistência à reduplicação é visível com verbos compostos, como *fotocopiar*, ou com verbos derivados que integram prefixos acentuados como, por exemplo, o prefixo *contra*. Daqui decorrem os contrastes de aceitabilidade entre (81) e (82), por um lado, e (83) e (84) por outro. Enquanto as frases com formas verbais morfológicamente simples (*copiar*, *atacar*) são perfeitas, as frases com as formas verbais morfológicamente complexas (*fotocopiar*, *contra-atacar*) são pouco naturais ou marginais.

- (81) A: Ele não copiou o livro sem autorização, pois não?
B: Copiou, copiou.
- (82) A: Ele não fotocopiou o livro sem autorização, pois não?
B: ??Fotocopiou, fotocopiou.
- (83) A: Ele não atacou o candidato, pois não?
B: Atacou, atacou.
- (84) A: O candidato não contra-atacou, pois não?
B: ??Contra-atacou, contra-atacou.

Também as formas verbais de futuro e condicional são morfológicamente complexas (cf. Roberts 1992; Duarte/Matos 2000; Arregi 2000; Roberts/Roussou 2002; 2003; Villalva 2003; Oltra-Massuet/Arregi 2005), o que se relaciona com o facto de serem as únicas formas verbais com as quais ocorre mesóclise, ou seja, a colocação de um pronome clítico no interior da forma verbal, como se vê em (85). Sendo morfológicamente complexas, as formas de futuro e condicional têm em relação à reduplicação enfática o mesmo tipo de efeito que a composição e a derivação com prefixos acentuados. Quer dizer, tornam também a reduplicação marginal, como se exemplifica em (86), que contrasta com a frase totalmente natural em (87).

- | | | |
|------|--------------------------------|----------------------------------|
| (85) | a. Ele ataca-o se puder. | Presente do Indicativo/Ênclise |
| | b. Ele atacá-lo-á se puder. | Futuro do Indicativo/Mesóclise |
| | c. Ele atacava-o se pudesse. | Imperfeito do Indicativo/Ênclise |
| | d. Ele atacá-lo-ia se pudesse. | Condicional/Mesóclise |

- (86) A: Ele não {atacará/atacaria} o candidato, pois não?
B: ??Atacaré, atacaré. / ??Atacaria, atacaria.

- (87) A: Ele amanhã não ataca o candidato, pois não?
B: Ataca, ataca.

Como a complexidade morfológica pode ser cumulativa, quando se constrói uma forma de futuro ou condicional a partir de um composto ou de uma forma derivada com prefixo acentuado, o resultado são frases agramaticais como as que se apresentam em (88) e (89).

- (88) A: O candidato não contra-atacaré, pois não?
B: *Contra-atacaré, contra-atacaré.
- (89) A: Ele não fotocopiaria o livro sem a tua autorização, pois não?
B: *Fotocopiaria, fotocopiaria.

Em síntese, a reduplicação verbal enfática tem a particularidade de ser uma construção que apresenta uma dupla realização do verbo finito numa estrutura monooracional. A segunda realização do verbo ocorre sempre na posição final absoluta e exclui formas verbais não finitas, negação, clíticos e formas morfológicamente complexas. A construção está associada a um padrão prosódico caracterizado por entoação ascendente e ausência de pausa prosódica antes da forma verbal que ocorre no final da frase.

O português brasileiro tem em comum com o português europeu um sistema responsivo em que as respostas verbais são a opção não marcada para responder afirmativamente a interrogativas polares. No entanto, o português brasileiro não permite a reduplicação verbal enfática (como estrutura monooracional), o que indica que a existência de respostas verbais no sistema responsivo de uma língua não é condição suficiente para que seja gramaticalmente possível a construção de reduplicação verbal enfática.

5 Referências

- Arregi, Karlos (2000), *How the Spanish verb works*, comunicação apresentada em: 30th *Linguistic Symposium on the Romance Languages*, University of Florida, Gainesville, <http://home.uchicago.edu/~karlos/Arregi-theme.pdf> (07.01.2016).
- Authier, Jean-Marc (2013), *Phase-Edge Features and the Syntax of Polarity Particles*, *Linguistic Inquiry* 44:3, 345–389.
- Costa, João/Martins, Ana Maria/Pratas, Fernanda (2012), *VP Ellipsis: New Evidence from Capeverdean Creole*, in: Irene Franco/Sara Lusini/Andrés Saab (edd.), *Romance*

- Languages and Linguistic Theory 2010: Selected Papers from «Going Romance», Leiden 2010*, Amsterdam/Philadelphia, Benjamins, 155–175.
- Dryer, Matthew S./Haspelmath, Martin (edd.) (2013), *The World Atlas of Language Structures Online*, Leipzig, Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, <http://wals.info> (07.01.2016).
- Duarte, Inês/Matos, Gabriela (2000), *Romance clitics and the minimalist program*, in: João Costa (ed.), *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*, Oxford/New York, Oxford University Press, 116–142.
- Farkas, Donka F./Bruce, Kim B. (2010), *On Reacting to Assertions and Polar Questions*, *Journal of Semantics* 27, 81–118.
- von Fintel, Kai/Iatridou, Sabine (2007), *Anatomy of a Modal Construction*, *Linguistic Inquiry* 38, 445–483.
- Hagemeijer, Tjerk/Santos, Ana Lúcia Santos (2004), *Elementos polares na periferia direita*, in: Clara Nunes Correia/Anabela Gonçalves (edd.), *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 465–476.
- Hale, Kenneth/Buck, C. D. (⁵1987, ¹1903), *A Latin Grammar*, University of Alabama Press.
- Holmberg, Anders (2001), *The syntax of Yes and No in Finnish*, *Studia Linguistica* 55, 141–175.
- Holmberg, Anders (2003), *Questions, answers, polarity and head movement in Germanic and Finnish*, in: Anne Dahl/Kristine Bentzen/Peter Svenonius (edd.), *Proceedings of the 19th Scandinavian Conference of Linguistics* (= Nordlyd, University of Tromsø Working Papers on Language and Linguistics 31), 88–115.
- Holmberg, Anders (2007), *Null subjects and polarity focus*, *Studia Linguistica* 61, 212–236.
- Holmberg, Anders (2013), *The syntax of answers to polar questions in English and Swedish*, *Lingua* 128, 31–50.
- Holmberg, Anders (2015), *The Syntax of «Yes» and «No»*, Oxford/New York, Oxford University Press.
- Horn, Laurence R. (1969), *A Presuppositional Analysis of only and even*, in: Robert I. Binnick et al. (edd.), *Papers from the Fifth Regional Conference Meeting of the Chicago Linguistic Society*, Chicago, IL, Chicago Linguistic Society, 98–107.
- Jones, Bob Morris (1999), *The Welsh Answering System*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter.
- Kato, Mary/Tarallo, Fernando (1992), «Sim»: respondendo afirmativamente em português, in: Mara Sofia Zanotto Paschoal/Maria Antonieta Alba Celani (edd.), *Linguística Aplicada: Da Linguística Aplicada para uma Linguística Transdisciplinar*, São Paulo, EDUC, 259–278.
- Kayne, Richard (1994), *The Antisymmetry of Syntax*, Cambridge, MA, MIT Press.
- Laka, Itziar (1990), *Negation in Syntax: On the Nature of Functional Categories and Projections*, PhD dissertation, Massachusetts Institute of Technology.
- Martins, Ana Maria (1994a), *Enclisis, VP-Ellipsis and the Nature of Sigma*, *Probus* 6, 173-205.
- Martins, Ana Maria (1994b), *Clíticos na História do Português*, dissertação de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- Martins, Ana Maria (2005), *Clitic Placement, VP-ellipsis and scrambling in Romance*, in: Montserrat Batllori et al. (edd.), *Grammaticalization and Parametric Change*, Oxford/New York, Oxford University Press, 175–193.
- Martins, Ana Maria (2006), *Emphatic Affirmation and Polarity: Contrasting European Portuguese with Brazilian Portuguese, Spanish, Catalan and Brazilian*, in: Jenny Doetjes/Paz Gonzalez (edd.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2004: Selected Papers from «Going Romance» Leiden, 9–11 December 2004*, Amsterdam/Philadelphia, Benjamins, 197–223.
- Martins, Ana Maria (2007), *Double realization of verbal copies in European Portuguese emphatic affirmation*, in: Norbert Corver/Jairo Nunes (edd.), *The Copy Theory of Movement*, Amsterdam/Philadelphia, Benjamins, 77–118.

Martins, Ana Maria (2016). O sistema responsivo: padrões de resposta a interrogativas polares e a asserções. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin/Boston: De Gruyter. 581-609.

- Martins, Ana Maria (2010), *Negação metalinguística («lá», «cá» e «agora»)*, in: Ana Maria Brito et al. (edd.), *Actas do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, Associação Portuguesa de Linguística, 567–587.
- Martins, Ana Maria (2013), *Emphatic polarity in European Portuguese and beyond*, *Lingua* 128, 95–123, doi: 10.1016/j.lingua.2012.22.002.
- Martins, Ana Maria (2014), *How much syntax is there in Metalinguistic Negation?*, *Natural Language and Linguistic Theory* 32:2, 635-672, doi: 10.1007/s11049-013-9221-9.
- Martins, Ana Maria (no prelo), *VP and TP Ellipsis: sentential polarity and information structure*, in: Susann Fischer/Christoph Gabriel (edd.), *Manual of Grammatical Interfaces in Romance*, Berlin/Boston, De Gruyter.
- Matos, Gabriela (2003), *Construções Elípticas*, in: Maria Helena Mira Mateus et al. (edd.), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 869–913.
- Matos, Gabriela (2013), *Elipse*, in: Eduardo B. Paiva Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*, cap. 45, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2351–2407.
- Nunes, Jairo (2001), *Sideward Movement*, *Linguistic Inquiry* 32, 303–344.
- Nunes, Jairo (2004), *Linearization of Chains and Sideward Movement*, Cambridge, MA, MIT Press.
- Oliveira, Marilza de (1996), *Respostas Assertivas e sua Variação nas Línguas Românicas: O seu papel na aquisição*, dissertação de Doutoramento, Campinas, SP, UNICAMP.
- Oltra-Massuet, Isabel/Arregi, Karlos (2005), *Stress-by-structure in Spanish*, *Linguistic Inquiry* 36, 43–84.
- Pereira, Sílvia (2010), *O Marcador de Negação Metalinguística Agora nos Dialectos do Português Europeu*, dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Pinkster, Harm (1990), *Latin Syntax and Semantics*, London, Routledge.
- Pinto, Clara (2010), *Negação Metalinguística e Estruturas com nada no Português Europeu*, dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Pope, Emily Norwood (1976), *Questions and Answers in English*, The Hague/Paris, Mouton.
- Roberts, Ian (1992), *A formal account of grammaticalization in the history of Romance futures*, *Folia Linguistica Historica* 13:1–2, 219–258.
- Roberts, Ian/Roussou, Anna (2002), *The history of the future*, in: David Lightfoot (ed.), *Morphological Effects of Syntactic Change*, Oxford/New York, Oxford University Press, 23–56.
- Roberts, Ian/Roussou, Anna (2003), *Syntactic Change: A minimalist approach to grammaticalization*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Santos, Ana Lúcia (2002), *Answers to yes/no questions and clitic placement: the question of adverbs*, in: Anabela Gonçalves/Clara Nunes Correia (edd.), *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 445–455.
- Santos, Ana Lúcia (2003), *The acquisition of answers to yes/no questions in Portuguese: syntactic, discourse and pragmatic factors*, *Journal of Portuguese Linguistics* 2:1, 61–91.
- Santos, Ana Lúcia (2009), *Minimal Answers: Ellipsis, Syntax and Discourse in the Acquisition of European Portuguese*, Amsterdam/Philadelphia, Benjamins.
- Thoms, Gary (2016), *Short answers in Scottish Gaelic and their theoretical Implications*, *Natural Language and Linguistic Theory* 34, 351–391, doi:10.1007/s11049-015-9304-x.
- Vennemann, Theo (2009), *Celtic Influence in English? Yes and no*, *English Language and Linguistics* 13:2, 309–334.
- Villalva, Alina (2003), *Estrutura Morfológica Básica*, in: Maria Helena Mira Mateus et al. (edd.), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 917–938.

ANA MARIA MARTINS